

Disse-lhes: Por causa da vossa pouca fé! Amém vos digo que se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Muda-te daqui para lá, e ele se mudará; e nada vos será impossível.

Mateus
17:20

Com o auxílio de Deus

Há quem diga que a discórdia e a ignorância, a penúria e a carência são chagas crônicas, no corpo da humanidade, apelando simplesmente para o auxílio de Deus, qual se Deus estivesse escravizado aos nossos caprichos, com a obrigação de resolver-nos os problemas, a golpe de magia.

Indubitavelmente, nada de bom se efetua sem o auxílio de Deus, no entanto, vale destacar que o infinito Amor age na Terra, nas questões propriamente humanas, pela capacidade do homem, atendendo à vontade do próprio homem.

As criaturas terrestres, através de milênios, vêm realizando as mais belas empresas da evolução, com o Amparo divino.

Viviam segregadas no primitivismo dos continentes...

Quando se decidiram a conhecer o que havia, para além dos mares enormes, com o auxílio de Deus, construíram as naves que as sustentam sobre as ondas.

Venciam penosamente as longas distâncias...

Quando se dispuseram a buscar mais largas dotações de movimento, com o auxílio de Deus, fabricaram veículos a motor, que deslizam no solo ou planam no espaço.

Jaziam submetidas às manufaturas, que lhes mantinham todas as faculdades na sombra da insipiência.

Quando resolveram conquistar o tempo preciso para o cultivo mais amplo da inteligência, com o auxílio de Deus,

estruturaram as máquinas que lhes descansam a mente e as mãos, por toda parte, desde o cérebro eletrônico à enceradeira.

Padeciam visão limitada...

Quando diligenciaram obter novos meios de análise, com o auxílio de Deus, passaram a deter lentes e raios que lhes facultam observações minuciosas, tanto nos astros, quanto nas peças mais ínfimas do mundo orgânico.

Experimentavam manifesta insuficiência de comunhão espiritual...

Quando se afadigaram por estabelecer contato entre si, com o auxílio de Deus, atingiram as comunicações sem fio, que lhes permitem o mútuo entendimento, de um lado a outro da Terra, em fração de segundos.

Tudo isso conseguiram aprendendo, trabalhando, sofrendo e aperfeiçoando... E, para desfrutarem semelhantes benefícios, pagam naturalmente a aquisição de passagens e utensílios, engenhos e serviços.

Assim também, os males que atormentam a vida humana podem ser extirpados da Terra, se procurarmos construir o bem, à custa do próprio esforço, com o auxílio de Deus.

Tesouros de tempo, orientação, entendimentos e recursos outros não nos faltam.

Urge, porém, reconhecer que somos responsáveis pelas próprias obras.

Desse modo, com o auxílio de Deus, será possível transformar o mundo em radioso paraíso, a começar de nós mesmos, no entanto, isso apenas acontecerá se nós quisermos.

(Livro da esperança. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 61)

Na sementeira da fé¹⁴⁸

Para que possamos movimentar a fé no plano exterior, é imprescindível venhamos a possuí-la, ainda mesmo na diminuta

proporção de uma semente de mostarda, no solo de nosso próprio espírito.

Assim, pois, é indispensável arrotear a terra seca e empedrada de nosso mundo interior, para ambientar em nosso coração essa planta divina.

A vida é qual fazenda valiosa de que somos usufrutuários felizes; mas não podemos aprimorá-la ou enriquecê-la, confiando-nos à preguiça ou à distração.

O proprietário da vinha não cederia ao lavrador uma enxada com destino à ferrugem.

A gleba das possibilidades humanas, em nossas mãos, reclama trabalho incessante e incansável boa vontade.

É imperioso remover, no campo de nossa alma, os calhaus da indiferença, e drenar, na vasta extensão de nossos desejos, os charcos da ociosidade e do desânimo.

Serpes traiçoeiras e vermes daninhos ameaçam-nos a sementeira de elevação, por todos os lados, e detritos de variada

natureza tentam sufocar instintivamente os germens de nossos pequeninos impulsos para o bem.

É necessário, assim, alterar a paisagem de nossa vida íntima, para que a fé viva nasça e se desenvolva em nossos destinos, por gradativo investimento de força transformadora e criativa, dotando-nos de abençoadas energias para as nossas realizações de ordem superior.

“Se tiverdes fé do simples tamanho dum grão de mostarda — disse o Senhor — adquirireis o poder de transportar montanhas.”

Aproveitemos, desse modo, a luta e a dificuldade que a experiência nos oferece, cada dia, e habilitar-nos-emos a converter as sombras de nossa antiga animalidade em divina luz da espiritualidade santificante para a nossa ascensão à vida eterna.

(Reformador, jun. 1955, p. 137)

A semente de mostarda ^{III}

“Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda...” – assim falou o Senhor.

É importante indagar porque não teria o Mestre recorrido a outros símbolos.

Jesus poderia ter destacado a grandeza da fé, buscando quadros mais sugestivos.

A beleza do Hermon...

A poesia do lago de Genesaré...

O esplendor do firmamento galileu...

A riqueza do Templo de Jerusalém...

Todos esses primores da paisagem que o circulava ofereciam temas vivos para a exaltação da sublime virtude.

Entretanto, o Benfeitor celeste toma a semente minúscula da mostarda, como a dizer-nos que sem o reconhecimento de nossa própria pequenez à frente do eterno Amor e da eterna Sabedoria não conseguiremos amealhar o tesouro do entendimento e da confiança que a fé consubstancia em si mesma.

A semente microscópica desaparece, em

verdade, no seio da Terra, qual se fora inútil ou desprezível, todavia, não se abandona à inércia, por sentir-se relegada ao abandono aparente.

Confia-se às leis que nos regem e, dinâmica da obediência construtiva, desvencilha-se dos envoltórios inferiores que a encarceram, germina, vitoriosa, e cresce para produzir, não para si mesma, mas para benefício dos outros, num eloquente espetáculo de bondade espontânea, ante a majestade da natureza.

Possa o nosso coração, no solo das experiências humanas, copiar-lhe o impulso de simplicidade e serviço e a nossa existência será testemunho insofismável da magnificência divina, cuja sublimidade passaremos então a refletir.

Assim, pois, cessemos nossas indagações descabidas e busquemos na Criação o justo lugar que nos compete.

Nem com o brilho do diamante, nem com a cintilação do ouro... nem com a sedução da prata, nem com a aristocracia

do mármore, em que tantas vezes temos procurado simplesmente a ilusão do poder que a morte arrebatava e modifica, mas sim com a humildade viva do grão de mostarda que, arrojado à solidão da terra, sabe vencer, desabrochar, florir e cooperar na extensão da glória de Deus.

(Reformador, ago. 1957, p. 192)

¹⁴⁰ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Assim vencerás*. Ed. IDEAL. Cap. 21, com pequenas alterações.

¹⁴¹ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Construção do amor*. Ed. Cultura Espírita União. Cap. A semente de mostarda, com pequenas alterações.